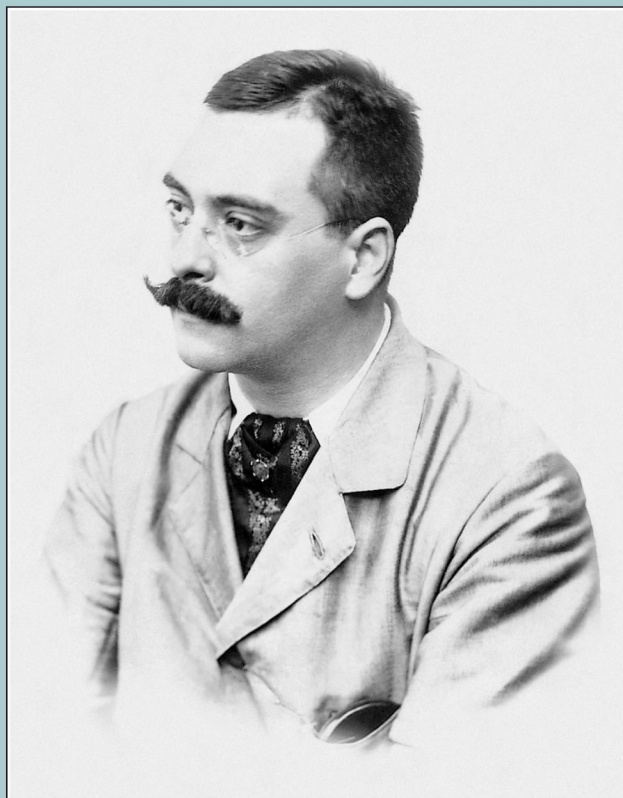


ALBERTO OSÓRIO DE CASTRO

OBRA POÉTICA

Vol. I



BIBLIOTECA DE **AUTORES
PORTUGUESES**



ALBERTO OSÓRIO DE CASTRO

OBRA POÉTICA

Introdução de JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA

Organização de ANTÓNIO OSÓRIO

Vol. I

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2004

VESTÍGIOS DE VERDADE E BELEZA

PARA O RETORNO À LUZ

1. *Amigo dilecto e parente remoto de Camilo Pessanha, que associará a juvenis iniciativas jornalísticas e acompanhará (em encontros e cartas) no desenraizamento e na deslocação para o Oriente, Alberto Osório de Castro nasceu no seio de ilustre família da Beira Alta, cresceu e formou-se entre Mangualde e Viseu até aos preparatórios do curso universitário. Na Coimbra do fim-de-século — ao fazer os estudos de Direito que precederam a sua longa carreira de magistrado (Goa, Moçâmedes, Timor, Luanda, Lisboa) e de considerado jurisconsulto — revelou-se figura axial do movimento de renovação estético-literária (como em 1968, finalmente, assinalava Pedro da Silveira na Seara Nova, e como abundantemente comprovámos no nosso Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa).*

Com efeito, quer pelas produções líricas, quer pelos textos de crónica e polémica, Osório de Castro perfila-se como a verdadeira alma da Boémia Nova, ofuscando mesmo Alberto d'Oliveira nessa revista coimbrã que por 1889-1890 polarizou, em rivalidade com Os Insubmissos, a perturbação prospectiva da vida literária portuguesa; e, embora com a sua formatura se esboce um abrandamento da intervenção «novista», o jovem escritor (impressivamente evocado pelas Notas de Arte e Crítica de J. M. Teixeira de Carvalho) prolonga aquele duplo tipo de composições noutros jornais e revistas até à tardia edição da recolha Exiladas (1895).

No número inaugural da Boémia Nova só ele anunciava algo de novo no domínio poético: não com o soneto «Depois do enterro» (no entanto, julgado representativo pela imprensa de

então), mas com «Patrícia», onde lateralmente se aproximava da beleza hierática e funesta do Decadentismo, cantando uma «Branca rainha exilada» que, pela «desdenhosa» formosura e pelos requintados adornos, contrastava com «este tempo banal».

No n.º 2 era ainda ele que se distinguia, com um «Nocturno» muito em dívida para com A. Feijó, mas distinto pelo terror dos presságios que denuncia um irracionalismo sujeito ao inédito desequilíbrio das sensibilidades. Ao mesmo tempo, subscovia uma «Crónica boémia», tentativa de prosa impressionista própria de um «exasperado de diletantismo e de novo»; aí ressaltava, com o francesismo da expressão, a busca do evanescente e do matiz psicológico, a tendência para os ambientes de requinte bizarro e gostos literários significativamente evoluídos (Fialho, Tolstoi, Loti). Além disto, improvisava uma pretensa carta «De Paris», onde adería aos romancistas russos que procuram «primeiro que tudo revelar verdades morais» e louvava o seu contributo para a bancarrota do Naturalismo.

Como de seguida confirmará na polémica em torno da construção rítmica dos alexandrinos (em que estão em causa os seus louros de inovador prosódico-versificatório), mostrava-se já então conhecedor das revistas e dos poetas decadentistas e simbolistas, embora seja ainda com um parentético «eu mesmo me condeno» que fale então do decadismo como a arte pela arte levada «ao absurdo, ao bizantinismo e ao ridículo».

No n.º 4 da Boémia Nova, Alberto Osório de Castro firma os seus créditos de lírico com «Angelus d'outono», poema que, através de sintomáticos traços de linguagem («sofrente», «vesperais», etc.), dá voz a uma sensibilidade voluptuosamente perturbada, atraída pelo mistério do Além, sentindo-o especialmente ao «crepúsculo doentio» («Ó nevroses do poente! ó sangue rubro e oiro») e ardendo em mórbida sede de pacificação mortal.

Mais importante, todavia, dum ponto de vista histórico-literário, será a «Crónica» onde Osório de Castro insere a questão dos alexandrinos numa atitude mais vasta de corajosa insularização aristocrático-esteticista e de busca de uma arte de excepção — uma arte «requintada, atormentada, nevrótica e orgulhosa» em reacção contra a materialização constante da vida e o embrutecimento progressivo do público. Por isso, o jovem esteta adere à nova literatura decadentista e simbolista de expressão francesa; e, em jeito baudelairiano, incita os poetas de Coimbra a forjarem uma escola capaz de «dar à arte portuguesa do fim do século um frémite novo».

Não admira que grupos diferentes de novistas o denunciem como presuntivo candidato ao papel de «Messias» literário desse fim-de-século (como fazem Os Insubmissos em disputa com a Boémia Nova). Reconhecido assim, à contre-coeur, o seu peso, Alberto Osório de Castro dá a conhecer mais poemas afins — v. g., «Duquesa», que reforça os traços da figura feminina de «Patrícia», decerto sob o ascendente da «Senhora de Brabante» de Gomes Leal (que, aliás, lhe dedicará esse poema na 2.^a edição das Claridades do Sul) — e reincide na doutrinação, com uma fantasiada «Palestra com o Dr. Topsisius».

Nessa crónica, deparamos com mais detido delineamento da situação espiritual da nova geração (pessimismo definitivo e lacerante, oriundo da crise da mentalidade cientista). Mas encontramos também uma arguta ponderação das suas incidências no campo literário — quer na nova relação de forças entre os modos e os géneros literários, quer na mutação antiparnasiana e anti-realista da lírica sobrepujante: «Século de análise dissolvente, de crise social, de crise filosófica, que forma de arte pode melhor condensá-lo que a poesia e o romance psicológico [...]?», «Apenas a poesia vencerá o romance, verá você, quando ela se tornar menos precisa, mais estranha e subtil, mais doente e menos lúcida, como que uma melodia e como que um nevoeiro pacificante e vago...».

É certo que, à entrada de 1890, se incorpora na vaga de escritores que reagem, com tribunícia indignação, ao Ultimatum britânico. Publica então o poemeto Na Agonia da Pátria, tríptico em nítida contravenção ao autotelismo das novas correntes literárias, embora em sintonia com o espírito de vibrante patriotismo e de generoso liberalismo (aberto a todos os projectos de promoção radical da justiça social) com que se ocupa da vida política no jornal Novo Tempo (Mangualde, Outubro de 1889 a Outubro de 1890), de que foi fundador e prolífico redactor, e onde faz sair com repetida ênfase os volantes «Ao Povo!» e «A abordagem do chaveco» daquele tríptico agónico e fundibulário.

Tratar-se-á, porém, de incursão episódica do autor na literatura militante. Os textos poéticos que à época continua a publicar — no seu Novo Tempo (onde retoma a prospecção estético-literária da «Palestra com o Dr. Topsisius...»), em revistas eclécticas como A Ilustração (v. g., o funéreo e exicial «As agonias») ou em periódicos afectos aos jovens nefelibatas como O Intermezzo portuense (v. g., a religiosa «Oração do fim» e

o jogo sortilégio de imagens e sonoridades em «Número da noite») — mostram-no-lo firme na adesão àquelas correntes; e o mesmo se diga das composições líricas que logo depois fará sair nas lisboetas Novidades, em meio da «Questão literária» mais momentosa (disputa da anterioridade no papel de inovador decadentista-simbolista).

Já então anunciava o livro *Exiladas* e ia antecipando o seu conhecimento, através de poemas mais temporãos (v. g., o descritivo «*The last rose of summer*», no entanto já preso ao fausto bizarro) ou poemas mais recentes, entre os quais se destacava «*Poesia do luar*», balada de espectros que cativava pelo metaforismo insólito e pela eterização rítmica do funéreo, e que depois, com o título «*Sombra do luar*» e epígrafe de E. A. Poe, acentuará em *Exiladas* a atracção epocal («edgardicamente romântica», diria A. Nobre) pelo motivo fantasmático da amada morta — como mostrou Maria Manuela Delille.

No Novo Tempo — «*Jornal da Esquerda Dinástica*» que muito valoriza com a reedição em folhetim d'O Livro de Cesário Verde e com publicações inéditas ou revistas de textos de Eça de Queirós e Fialho d'Almeida, de Guerra Junqueiro e do «Mestre» Gomes Leal (com quem permuta dedicatórias de poemas), de Silva Pinto e Alexandre da Conceição, de Gonçalves Crespo e Camilo Pessanha, de António Fogaça e Costa Alegre, etc., ao mesmo tempo que compagina as traduções de Le Chat Noir com o humor publicitário de «O anúncio decadista» —, Alberto Osório de Castro desdobra-se sobretudo entre o editorial militante de actualidade política e a fértil produção lírica. Mas também se manifestava na crónica literária (sobre o bardo malogrado António Fogaça, no n.º 7, ou sobre o jornalista e poeta, então «decadente», Xavier de Carvalho, no n.º 31); ensaiava ainda a digressão impressionista e a breve ficção narrativa («*Crónica do Fim do Ano*», n.º 12, «*Crónica dos bons mortos — Spring ballad*», n.º 28, «*Última desilusão*», n.º 29); e completava os esforços de implantação regional e dignificação cultural do seu semanário com notícias de arqueologia beirã («*Citânia Martins Sarmento*») e outros escritos de interesses vários.

Sob o nome próprio, ou não assinada, ou subscrita com os pseudónimos Axel e Ullalume, a poesia publicada no Novo Tempo ampliava grandemente a antecipação do que no corpus de *Exiladas* constituirá a descontínua série dos poemas oriundos do primeiro dos «*Momentos do drama espiritual do Poeta*», isto é, do «*Tempo de Coimbra*».

Mau grado a demora de Exiladas e o rarear da colaboração de Osório de Castro nas novas revistas que surgem à entrada do último decénio do século, o seu nome não será esquecido no cânone geracional esboçado pelos decadentistas portuenses n'Os Nefelibatas de 1891, nem na apologia que «Os poetas novos» ficam a dever a Trindade Coelho em 1892.

No opúsculo que Raul Brandão e outros compõem sob o pseudónimo colectivo de Luís de Borja, depois da caracterização panegírica dos autores do Cenáculo (além daquele escritor, D. João de Castro e Júlio Brandão, António Nobre e Alberto d'Oliveira, Justino de Montalvão e H. Pereira da Cunha), vinha a exaltação de «outros ainda, [...] Novos pela intuição e uma técnica nova, e de que através de revistas literárias e as obras publicadas, várias afinidades os diziam comungando na mesma Arte». Ora à cabeça desta falange (João Barreira, Eduardo d'Artayett, Camilo Pessanha, Eugénio de Castro e Oliveira-Soares) surgia justamente Alberto Osório de Castro. Já nas «Primeiras notas» com que, na Revista Ilustrada, Trindade Coelho encetava o estudo crítico (sério e entusiasmado) dos «novistas» e da sua incoactiva distinção em decadistas e neogarrettianos, Alberto Osório de Castro via-se mais discretamente nomeado em momento de visão panorâmica da geração literária ascendente.

Em 1893, o mesmo Trindade Coelho solicita-lhe, para a sua Revista Nova, um artigo de definição estético-literária; e, considerando-o «um notável entre os poetas novos», publica-lhe o poema que em Exiladas se intitulará «Calado navio a arder!». Desde logo ficava garantido o nível incomum da obra, pela forma invulgar como esse poema ilustrava a expressão indirecta de uma aguda penetração psicológica, capaz de sugerir a alucinação.

No mesmo ano, Alberto Osório de Castro colabora n'Os Novos, órgão extremamente decadentista e simbolista, primeiro com um banal «Luar de Coimbra», depois com uma composição superior, «Balada do Dia de Juízo» — «misterioso rondel» cujo maior mérito reside na indecisão sentimental com que apresenta o contraste entre o que é vivo e morto ou, melhor, na polivalência da reacção emotiva: isolado, o poema deixa desprender-se um lamento pela inelutável dissolução do sentir; quando associado a outros poemas dispersos, como o «Sol» logo depois estampado n'Os Novos, ou quando integrado em Exiladas, aquele lamento só sobrevive na mágoa com que o poeta se entrega ao anseio de aniquilação.

Em 1894, o poeta dá a conhecer outros rasgos que serão primaciais em Exiladas, quando na revista portuense A Geração Nova retoma o tão caracterizante «Angelus d'outono» e relança (desde o circuito restrito do Novo Tempo) uma notável «A romanza». Nesta, parecia actualizar-se o trânsito da crise decadentista à refontalização arquetípica do Simbolismo, por obra e graça da música, que se transfigura através da sugestão imaginífica de um fausto orientalizante em que emergem seres humanos estranhamente perturbados e donde se parte para o «Desejo misterioso, / Ideal saudade dum país radioso / Onde é mais forte do que a Morte o Amor!».

2. Muito anunciado desde 1891, o livro *Exiladas* só vem a sair pelos fins de 1895, albergando então composições que se estendem de 1886 a Agosto do ano da publicação. Natural, portanto, que *Exiladas* abarque poesias de tendências diversas e que também o seu valor se afigure desigual. No entanto, é possível discernir uma dominante decadentista a partir de fins de 1888 (provável motivo da exclusão de alguns poemas que no Novo Tempo dela dissentiam na pujança telúrica e na euforia vital com que se dispunham a fazer ponte entre Cesário Verde e novas tendências de Neo-Romantismo vitalista — o «Odor di femina», depois «Perfume» em *A Cinza dos Mirtos*, ou o «Julho» e a «Bucólica» nunca recolhidos em volume). Entre essa altura e o ano de 1891, pode-se sentir mesmo uma acumulação de elementos própria de período de implantação de uma nova tendência estética. De qualquer modo, é indubitável que, no seu conjunto, *Exiladas* se afirma uma das obras cimeiras do movimento de que Alberto Osório de Castro foi um dos introdutores.

As primeiras criações arrancam da dessorada tradição romântica menor, mas esta aparece já renovada no pessimismo, no sentido do mistério interior e exterior, na contida e, por vezes, concisa expressão das emoções («De profundis», por exemplo). Aquele espírito sub-romântico estava, também naturalmente, contaminado pelas ideias endeusadas durante os decénios positivistas e evolucionistas; por isso, o poema «*Em lausperene!*», que usa uma linguagem litúrgica na metaforização huguesca e junqueira da vida cósmica, afirma um imanentismo ambíguo, similar à atracção que na obra, afinal religiosa, de Osório de Castro há-de algum tempo exercer um monismo à maneira de Haeckel e Le Dantec: «Nós faremos um

*Deus da universal Miséria, / Do Mal! E a Hóstia branca, al-
tiva e extravagante, / Há-de à noite mostrar num trono cin-
tilante / O Espírito subtil que vive na Matéria, / E que se
expande e cresce a cada novo instante».*

*Pela mesma atenção ao que a evolução dos tempos fora
trazendo de diferente, o sub-romantismo que apontámos
corrige-se na tentativa de serena poesia das coisas, à manei-
ra de Cesário Verde; assim ocorre no descritivo de «The last
rose of summer» e no narrativo leve de «O conto de Mimi»,
composições já publicadas em periódicos. Porém, se essa cor-
recção se realiza no simplismo de «Dor d'adolescência»,
matiza-se em «Folhas d'outono», composição mais importante
que está penetrada de indecisa melancolia, de auscultação da
«lenta, inútil agonia / Das pobres almas resignadas!...», e
exprime um sentir já verlainiano do poente e a «saudade /
De algum país de Claridade, / De Sonho, e lânguidas pal-
meiras...».*

*Em «Febre d'exílio», longa composição de 1894, mas que,
decerto pela sua natureza de sintética autobiografia poético-
-espiritual, abre Exiladas, lá comparecem o passadismo e o
gosto evasivo a evolar-se da recordação bem concreta de luga-
res e amigos (neste caso, Camilo Pessanha) ou de eventos —
tecendo um involuntário, mas penetrante, comentário ao sen-
tido do pitoresco lusitanista nos neogarrettianos e demais neo-
-românticos e, ao mesmo tempo, esclarecendo avant la lettre
o idêntico alcance do exotismo na sua obra ulterior e em todo
o Neo-Romantismo: «Castelo d'Óbidos, tão lindo e tão doura-
do, / E na Lagoa, a tarde azul das pescarias! / Ah! Camilo!
a magia ideal do Passado! / Que exotismo é assim tão de luz
e encantado, / Feiras da minha vila, arraiais, romarias!»*

*De resto, poemas que nos «Momentos do drama espiritual
do Poeta» integram a deriva «Nos empregos», e datados de
Lisboa («Saudades») ou já de Nova Goa («Rosas da Índia tão
desmaiadas»), acentuam a evasão nostálgica para o mundo
ancestral da infância e a fruição pitoresca de costumes (des-
folhadas, v. g.) e de lendas (maravilhoso de moiras encanta-
das, v. g.) em ritmos populares. Tais inclinações neogarret-
tianas são ainda raras em Exiladas, mas não surpreendem
grandemente numa subjectividade lírica que, no confronto com
a vida presente, se reconhece de frágil constituição, com sen-
sibilidade enfermiça e apática, com uma vivência pávida do
além-túmulo. Apetece dizer que estamos perante um ser as-*

tralmente destinado a essa enfermidade psicossomática, pois ele mesmo se encarrega, ainda em «Febre d'exílio», de nos mostrar o contraste que forma com a região beirã onde se criou — e que o devera tornar viril e audaz: «País forte, país enérgico, em granitos! / E contudo eu cresci nesse ar vivo e na neve, / Fraco, com uma pobre infância muito breve, / Sempre doente, a fazer castelos infinitos.» Aliás, ao lado da fuga fantasista que apontámos e que o último verso citado ilustra frontalmente, o homem que esta poesia exprime deixa-se varar por medos incontroláveis, por terrores de motivação obscura e de fundo fatalista.

Já sabemos, por «Angelus d'outono» (poema conhecido desde a Boémia Nova), que o espectáculo natural que, em consequência, granjeia a admiração e cativa o sentir, é o poente, sobretudo na tarde de Outono. «Rosa vermelha» traduz uma enriquecida percepção dessa hora: «Tons de sinopla e d'orpiamento, a esparsa / Vaporização de pérolas do poente, / Punham na vaga paisagem garça / Uma tristeza espiritual e ardente!... / [...] / Tarde outoniça, esplêndida e sombria! / Luz histeral de um dolorido amor! / Doce queimor dos beijos! Harmonia / Do céu vermelho e do sorriso em flor!»

À vibração ominosa do rubro — pois, na composição «Na treva», é no sangue, ligado ao tema e figura recorrentes de *Lady Macbeth*, que se consubstancia o terror irracional que o domina — o poente parece associar a doçura da evasão, e ainda essa simbiose de serenidade e inquietação, de «vaporização» e de «Tristeza espiritual e ardente» que é o anseio de aniquilação repetidamente expresso. Descobrimo-lo, magoado, na «Balada do Dia de Juízo»: «Nada sentem, bom coveiro! / Nas Trevas estão, Senhor!» Sentimo-lo, decidido, na fala ao coração (como em *Pessanha*) da «Canção»:

Olhos sem par!
Olhos garços de San Fernando!
Ondas do mar
Que me hão-de ungir, naufragando!

É descansar
Meu coração inquieto! O mar é brando,
É imensamente azul a onda e o ar...

.....

Sem leme, a vela clara ao vento dando
Ir naufragar!
Cheio de luz adormecer cantando,
Não acordar!

Ai! os olhos garços de San Fernando,
Olhos sem par!

Aceitamo-lo, com o carácter obsessivo que traduzem aliterações, reiteraões e paralelismos, na ascensão simbolista que em «Filho morto» se dá do fúnebre evento particular para a consideração universal de um destino: «Sombras, só sombras! Extinções de tudo!... / Ser-se o cadáver impassível, mudo, / Na vaga paz infinita da terra, / E não deixar de si mais que uma sombra / E essa mesmo no Abismo que me assombra / Ir caindo, na noite que me aterra!»

Exiladas documenta também momentos intermédios e vias transicionais no caminhar para este anseio de aniquilação. É o que se verifica no ideal de letárgica imponderabilidade, que o é também de abandono nirvânico, evolado de uma circunstância recheada de elementos decadentistas no soneto «Spleen».

Esta direcção da vida psicológico-moral conecta-se contrapolarmente com a vibração intensa, e muitas vezes desequilibrada, que também caracteriza aquela personalidade, sobretudo quando tocada pelas obscuras excitações que o misterioso entorno lhe envia: «Atrás do halo fluorescente / Meu coração vai consumido, / Do mal nocturno perseguido. / Morre dum mal estranho e ardente, // Desde que ouviu a melodia / Duma balada ignota e cérula, / Na clara noite em que parecia / O céu todo de madrepérola.»

Sem ocupar lugar de relevo na obra, o tema decadentista da mulher de beleza estranha ou doentia, fria ou misticamente abstinente, sedutora mas distanciada, e o tema conexo da atracção amorosa votada a fatídico e sinistro fim não deixam de estar presentes: tangencialmente em dois poemas vindos da Boémia Nova e do Novo Tempo («Patrícia» — agora chamado «Exilada» — e «Duquesa») e em «Cabotine»; mais profundamente no soneto «À Senhora d'escravos», cuja beleza, distanciada por ancestrais regras de origem mítica, vive num ambiente de contrastes e de morna suspeição de forças represadas, e arrasta para a desgraça: «Vela... O adorado olhar cerra-se, empalidece... / Tão triste e lindo olhar entre os cabelos flavos! / Como

um cacto a sua boca amorosa floresce. // Seu odor de mulher e de vermelhos cravos / Leva à desonra e à morte, ó Senhora d'escravos!... / Um ritmo negro sonha e na luz desfalece.»

Ligada a este foco temático surge a composição, bem anterior, «Na açoteia, ao vir da noite (Impressão dum fim d'acto do Mricchakatiká)», mostrando como um exotismo todo interior, feito de identificação com ambientes ou épocas de lascívia e decadência, de sangue e morte, de amore et dolorem sacrum, é axial no Decadentismo, pois ilustra, muito antes de Alberto Osório de Castro viajar para o Oriente, aquela atmosfera surpreendida e seguida adentro do hieratismo do teatro hindu. O poeta, notemo-lo, dava assim pessoal contributo para uma atracção epocal, fugindo de caminhos mais repetidos — qual o do mundo de Nero e de «dolente e cruel patrícia romana», que só uma vez é cantado em Exiladas, embora desacompanhado da nota de viciosa decadência e com uma ambiguidade que transparece na designação titular de «Versos dum bárbaro».

No fundo, a contraposição fulcral está na inelutável força de viver e no cerceamento exterior desse legítimo ímpeto, que encontram expressão simbólica, e portanto algo críptica, no belo poema «Crisântemas» (donde cremos que advém o título da obra):

Tão longe do Fúsi-no-Yama,
No nosso outono, as exiladas
Crisântemas da terra em chama,
Florescem em tardes geladas.

.....

E uma noite negra de lama,
As que viram noites doiradas,
Caem nas charcas, desfolhadas...
Longe de tudo o que se ama,
Tão longe do Fúsi-no-Yama!

Estamos, então, perante verdadeira poesia simbolista, que sintoniza e sugere o drama espiritual do Homem já não identificado com a letargia decadentista, mas coacto sob a evidência do degredo ôntico após uma queda primordial («as que viram noites doiradas») e sob os dolorosos limites actuais da

expansão cognitiva e unitiva — da realização da beleza por meio da verdade (como dirá mais tarde Camilo Pessanha).

Aliás, Exiladas alcança a expressão genuinamente simbólica no próprio estádio de autognose intuitiva, sem o qual não acederia à gnose metafísica. Assim acontece em «Calado navio a arder!» e sua tradução indirecta de funda penetração da vida psicológica, até à apreensão do desvario alucinatório. Paralelamente, em «A romanza» são a música e o canto que libertam a inquietação da saudade metafísica, inconceptualizável e inominável: «Cantou! E um choro fêvido, nervoso, / Humedecia do teclado o alvor... / Por quem? Porquê? Desejo misterioso, / Ideal saudade dum país radioso / Onde é mais forte do que a Morte o Amor?»; e na «Canção do sonho» a tensão do espírito apaixonado de Absoluto gera um raptó deslumbrante e vertiginoso de entrega do coração alumbrado à Luz divina: «Subir, subir, subir, subir! // Adeus, estrela da manhã! / Rigel, Arcturus, Altair, / Regulus, verde Aldebaran / Vão-se a sumir... / Vão-se a sumir na Eterna Luz! // Meu Deus! que abismo d'esplendor! / Subir, subir, subir, subir! / Senhor, tem dó de mim, Senhor! / [...] // Tudo se abrasa num clarão, / Numa terrível luz divina!... // Arde, convulso coração, / Desfaz-te em luz!»

Esta vontade de luminosa ultrapassagem dos bloqueios materiais e das contradições do ser humano, a qual nos transpõe, embora não perenemente, para um mundo simbolista, encontra prolongamento religioso quer no soneto «Revival», que lembra Frei Agostinho da Cruz, quer noutra intitulado «A Cipango» ou na formosa «Oração do fim», onde se conjugam, sem se prejudicarem, a impressão de autenticidade e o eco de várias entoações literárias decadentistas e simbolistas (estrutura inspirada na oração católica «Salve, Regina», transfiguração religiosa da imagem do sol-poente, tópicos de «terra triste» e «místico olhar», etc.):

Sol-poente — coração de gládios trespassado!...
Ó luz do Entardecer, ó Senhora das Dores!
Esconde-nos, ó Mãe! o coração magoado
Num manto virginal de mortos esplendores.

Salve, Rainha, mãe d'infinita doçura!
Do Azul, onde agoniza a nossa alma sem norte,
Lança o místico olhar de luz e d'amargura
Sobre a imensa Injustiça, e a podridão da Morte.

A ti bradamos, nós, degredados do mundo.
Envolve-nos, Senhora, em teu manto sereno.
A terra é triste! e o céu, tão distante e profundo,
É ruivo e flavo como o doce Nazareno.

Toda em sangue ressurge a tragédia divina...
Ó Jesus! ó Jesus! erram já pelos céus
Sobre a tua nudez purpurada e franzina
Trevas e sombra — a dor e a maldição de Deus.

.....

Indissociável destas novas orientações ideotemáticas, a originalidade na imagística foi procurada por Alberto Osório de Castro logo nas primeiras poesias que compôs, como vemos em «Noite d'estrelas»: «E brancas, uma e uma, / Vêm de Oriente as constelações, / Do mar de Treva a luminosa espuma.» Mais tarde, ganham vulto os elementos metafóricos decadentistas e simbolistas em «Número da noite» e em «Rondel», na fulgurância momentânea do mundo de engano em «Sonho», no liturgismo de «A viagem» e dos inícios de «Sombra do luar» e «Encantação», nas sugestões mediévico-wagnerianas de «Spleen».

Também o sentido das sonoridades não se restringe ao cuidado com a sugestiva «ressonância das palavras bizarras» que o Doutor Quim Martins (Teixeira de Carvalho) sublinha nos seus gostos juvenis. Amante das sonoridades ritmicamente ordenadas, o poeta de Exiladas procura as rimas interiores («Tudo flui, se dilui, sobre o céu lactescente...») ou torna a servir-se da repetição de versos para marcar, de forma obsessiva, a ideia de «I'll forget not»; mas, ao mesmo tempo, empenha-se em curiosos ensaios de heterometria («Súplice voz!»). Em verdade, o poeta de Exiladas vive em sábia liberdade prosódica e formal, como revela a surpreendente composição «Toda a noite caminhei», em que amor e morte se cruzam no canto folclórico de uma «Voz», transcrito em simbiose de nostalgia do arcaizante e de moderno ludismo gráfico.

3. *Em resultado já da deambulação ultramarina como magistrado e do conseqüente distanciamento dos centros da vida literária portuguesa — que não o impedia, porém, de participar na transição estilístico-periodológica, nomeadamente através d'A Revista portuense —, tardou Alberto Osório de Cas-*

ÍNDICE

Vestígios de verdade e beleza — para o retorno à luz, por JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA	7
---	---

EXILADAS

Febre d'exílio	53
Crisântemas	56
À Senhora d'escravos	57
Filho morto	58
Saudades	60
Spleen	63
Rosa vermelha	64
Piropo	65
Luar de Coimbra	67
Cabotine	69
Sombra do luar	72
Na treva	74
Balada do Dia de Juízo	75
Sol!	76
Templa violata	78
«Toda a noite caminhei»	79
Exilada	80
<i>Rosas da Índia tão desmaiadas</i>	82
De profundis	83
Noite d'estrelas	84
Castelo romântico	85
Angelus d'outono	87
The last rose of summer	88
Folhas d'outono	90
Dor d'adolescência	91

Calado navio a arder!	92
I'll forget not!	93
Migradora do <i>Lloyd</i>	95
Canção do sonho	96
A duquesa	98
Na mão de Deus!	100
Para o coval do velho padre	101
Rondel	102
Número da noite	103
O conto de Mimi	104
O sonho de Sagres	106
Versos dum bárbaro	107
A Cipango	108
Revival	109
Nocturno	110
Oração do fim	112
Encantação	113
A viagem	114
A romanza	115
Subindo as âncoras	117
Canção	118
Primavera	119
Em lausperene!	121
Na açoteia, ao vir da noite	123
Céus de luz	124
Súplice voz!	125
Ao vir da monção	127
Na agonia da pátria	128
 <i>Momentos do drama espiritual do poeta</i>	 135

A CINZA DOS MIRTOS

Ad lares	143
Neiges d'Antan	144
Floreal	145
Fata Morgana	146
Triste viuvinha	149
Chiquinha	150
Tristezas da tarde	152
A ronda das horas	153
Canção da água	154
À Elevação	155
A Tais de Alexandria	156
Almas	157
Sonho	158

Balada das rosas de Chimbél	160
Sesame and Lilies	161
Canção da vida	163
À cativa Bárbara	165
As gaivotas	166
Mulheres	168
Odelette oubliée	169
Nevermore	170
Vendetta	172
Quebranto	174
Albion	175
Perfume	177
To... ..	178
Rosas de sangue e de piedade	179
Beautiful Bombay	180
Cantares	182
Madrigal de estudante	185
Jeunes filles	186
Descendentes	187
Interiora	189
À janela do Ocidente	192
Idílio saxónio	194
Diu	200
Fantôme d'Orient	202
Il specchio	203
Velha Goa	204
Napoli	205
Ouvindo sinos	207
Raparigas!	208
Terra de França	210
Sonatina das folhas caídas	212
O rei de Brocelianda	213
Anónima	223
Sisina	225
As monjas	228
Sombras de Diu	230
Na cerca de São Francisco de Goa	233
A morte de Dom João de Eça	235
Sinhara	239
No heptacordo de Satã	244
Sâti	246
Madre Sor Clara de Jesus	264
Elegia	266
Bahisinha	270
Launim	271
<i>Glossário de termos indiáticos e indo-portugueses</i>	273

FLORES DE CORAL

Flores de coral	295
Outra vida	296
Mortas da Riviera	297
Rancho	299
Flor do deserto	301
Trovas	302
Musumé	304
Goa morta.....	305
Canção.....	306
Rondel para Mej. Jeanette	307
Pantumes javaneses	308
Cantares	310
Às casuarinas do cemitério de Díli	312
Da Antologia Grega	313
Mar de luz.....	314
Surpresa.....	316
Primaveras mortas.....	318
O coro das ninfas	320
Fogueiras de São João.....	331
Tebedai.....	332
Estanças.....	333
Fúlan Narôma	334
Dêva-Dassi	335
Yellow Town	337
Carne Tirreno	338
A deusa de Arvalem	340
Javanesa	341
Fado	342
Canto malaio.....	343
Episódios e epigramas	345
Número do <i>Lyrisches Intermezzo</i>	351
Reisebilder	352
Auto de Niniana	356
Ode à luta	382
Canção.....	385
<i>Nótulas</i>	387
<i>Adenda e corrigenda</i>	469
<i>Rectificações</i>	527